

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNB

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL / UAB

INSTITUTO DE ARTES

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA – CÊNICAS

POLO DE IPATINGA-MG

Elias Ferreira da Silva

**“A REGRA DO JOGO”
UM PROCESSO PEDAGOGICO**

**Ipatinga-MG
Novembro 2014**

Elias Ferreira da Silva

**“A REGRA DO JOGO”
UM PROCESSO PEDAGOGICO**

Trabalho de conclusão do curso de teatro

Departamento de Artes Cênicas do

Instituto de Artes da Universidade de Brasília

Professor Autor: Dr. César Lignelli

Orientadores: Fernando Santana de Araújo

Dr(a): Alice Stefânia Curi

**Ipatinga-MG
Novembro 2014**

ELIAS FERREIRA DA SILVA

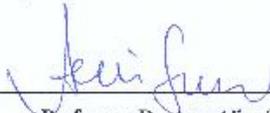
**"A REGRA DO JOGO"
UM PROCESSO PEDAGÓGICO**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a **MS** sob a orientação do (s) professor (s) Especialista Fernando Santana de Araújo e professora Doutora Alice Stefânia Curi.

Ipatinga-MG, 22 de novembro de 2014.



Professor Especialista Fernando Santana de Araújo



Professora Doutora Alice Stefânia Curi



Professora Doutora Sulian Vieira Pacheco



Professora Angélica Beatriz Souza e Silva

Elias Ferreira da Silva

**“A REGRA DO JOGO”
UM PROCESSO PEDAGOGICO**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB – Universidade de Brasília no Instituto de Artes CEN com requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro, com nota final igual a ___ sob a orientação da professora Doutora Alice Stefânia Curi e do professor especialista Fernando Santana de Araújo

Ipatinga, 15 de novembro de 2014

Sulian Vieira Pacheco

Professora (Doutora)

Angélica Beatriz Souza e Silva

Professora

RESUMO

Esta monografia é fruto de uma pesquisa que procurou averiguar através de uma oficina de jogos a relação entre os jogos e o aspecto da regra trabalhado na teoria do *Desenvolvimento Moral na Criança* do escritor, psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget. A oficina ocorreu na comunidade do Ipaneminha, zona rural de Ipatinga-MG, participaram da oficina quinze alunos, com a idade 8 e 9 anos e estão cursando a 3ª e 4ª série.

PALAVRAS – CHAVE

Jogo, Regra, Moral e Ética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Capítulo 1 – O que é o jogo?

- | | | |
|-----|--|------|
| 1.1 | Aspectos históricos dos jogos. | Pag. |
| 1.2 | Alguns aspectos dos jogos teatrais e dos jogos dramáticos. | Pag. |
| 1.3 | Piaget: alguns apontamentos. | Pag. |
| 1.4 | Sobre regras, moral e ética | Pag. |

Capítulo 2 – Pesquisa de campo.

- | | | |
|-----|--|------|
| 2.1 | Instrumentos metodológicos e apresentação do contexto. | Pag. |
| 2.2 | Observações de campo. | Pag. |
| 2.3 | Bate papo com os alunos. | Pag. |

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS Pag.

ANEXO A Pag.

ANEXO B Pag.

INTRODUÇÃO

Esta monografia é fruto de uma pesquisa qualitativa e quantitativa que procurou averiguar através de uma oficina de jogos a relação entre os jogos, a moral, a ética e o aspecto da regra trabalhado na teoria do *Desenvolvimento Moral na Criança* do escritor, psicólogo e epistemólogo suíço Jean Piaget. A pesquisa foi realizada com quinze alunos de 8 e 9 anos, cursando a 3ª e 4ª série, da Escola Municipal Professor Mário Casassanta, localizada no Ipaneminha, na zona rural de Ipatinga.

Por acreditar que os jogos são uma linguagem pedagógica, com um forte potencial lúdico, me propus a pesquisar sobre a relação entre os jogos e a teoria do Desenvolvimento Moral na Criança.

O interesse pelo tema em questão nasceu na década de noventa quando tive a oportunidade de ter um contato direto com os jogos teatrais, os quais me acompanham desde então. Venho de uma caminhada que começou em cinco de fevereiro de 1995, quando abre em Ipatinga a “Escola Municipal de iniciação Teatral 7 de Outubro”, com o lema “Teatro Para Cidadania”. A escola que teve seu o fundador e diretor José Lopes Sobrinho, quem eu muito me orgulho de ter tido como professor, diretor, colega de trabalho e amigo. Na Escola de Teatro fui aluno e assistente de direção de 1995 a 1997, já em 1998 passei a integrar ao quadro de funcionário da escola com a função de monitor de teatro e depois como professor até 2004. Fora da Escola de Teatro realizei diversos cursos e trabalhos no campo das artes e da política cultural, fui membro do Conselho Municipal de Ipatinga no período de 2011 a 2013, integrante por sete anos da Comissão Municipal de Incentivo à Cultura de Ipatinga no período de 2000 a 2007 e realizei várias outras atividades. Atualmente sou orientador de teatro e professor de prática circense do projeto “Mais Educação” do Governo Federal no município de Ipatinga.

Em minha trajetória no teatro tive um aprendizado enorme com a práxis, mas percebi que faltava fundamentar este conhecimento através da teoria e principalmente com a teoria academia. Mas em 2011 através da UAB (universidade Aberta do Brasil) e da UNB (Universidade Federal de Brasília)

ingressei no curso de teatro ofertado pelo Departamento das Artes Cênicas da UNB. Durante esse período de três anos tive acesso a diversas obras de diferentes pesquisadores do campo da educação, da psicologia, da filosofia, da sociologia, das artes e do teatro. Todas essas obras e autores enriqueceram ainda mais meu conhecimento e contribuíram na minha licenciatura e contribuirão para que eu possa lecionar e formar futuros agentes multiplicadores.

Minha vivência em jogos no período que eu estive na Escola de Teatro e o período que tive contato teórico na academia me despertou o interesse em pesquisar o aspecto pedagógico dos jogos com o foco na questão da regra, a qual foi pensada aqui, com apoio de categorias filosóficas como a Moral e a Ética.

Nas oficinas e aulas de teatro que desenvolvo sempre seleciono alguns jogos para aplicar. Durante o processo de aplicação dos jogos, procuro me ater aos aspectos relacionados às regras, à moral e à ética. No curso dessas experiências tenho observado que os participantes sempre levam as regras ao “pé da letra”. A observação possibilitou também concluir que a regra é fundamental para manter o jogo. Ao ler o livro “*O Juízo Moral na Criança*”(1994) de Jean Piaget, deparei-me com a teoria do “Desenvolvimento Moral na Criança”. Nela, Piaget apresenta as noções de “Prática da Regra” e de “Consciência da Regra”. A prática da regra no jogo é efetivamente aplicada em razão de seu caráter imperativo; já a consciência de regras emerge de um acordo coletivo. A compreensão das noções da “Prática das Regras” e a “Consciência da Regra” me instigou a averiguar que articulações podemos fazer entre o jogo teatral e a teoria de Piaget. Da reflexão acerca dessas possíveis relações surgiram a hipótese que orientou esse empreendimento investigativo: a de que os jogos teatrais não são apenas entretenimento, mas podem ser utilizados como uma linguagem pedagógica que contribuem para a socialização dos participantes, em especial no que se refere ao processo de assimilação de regra.

Para investigar essa relação foi necessário a realização de uma oficina de jogos, que contou com a participação dos alunos da Escola Municipal Mário Casassanta, localizada no Ipaneminha, zona rural, do município de Ipatinga,

em Minas Gerais. A oficina foi ofertada para 15 alunos, da 3ª e 4ª série, com idade 8 a 9 anos, durante 8 semanas, 16 encontros, com uma hora e meia de duração, cada.



Jogo Espelho

Foto: Elias Ferreira

A referida oficina de jogos foi elaborada e aplicada por mim, baseada na identificação de “Onde, Quem, O Que” da escritora e dramaturga Viola Spolin. Mas buscando relacionar com teoria do Desenvolvimento Moral de Piaget.

Segundo Spolin:

Por meio das oficinas de jogos teatrais, será possível desenvolver liberdade dentro de regras estabelecidas. Os jogos são baseados em problemas a serem solucionados. O problema é o objeto do jogo que proporciona o foco. As regras do jogo teatral incluem a estrutura (Onde/Quem/Oque) e o foco, mais o acordo de grupo (SPOLIN Viola, 2007, pag.21,22).

A estrutura do Onde/Quem/O Que/O Foco e este “acordo de grupo”, de que fala Spolin, possibilitou explorar, de modo específico, a noção de desenvolvimento da liberdade nos jogos em comparação com a noção de consciência de regra, em Piaget.

Piaget diz que:

Em particular, é fácil estudar, ao mesmo tempo, no que concerne às regras do jogo, dois grupos de fenômenos: 1º) A prática das regras, isto é, a maneira pela qual as crianças de diferentes idades as

aplicam efetivamente. 2º) A consciência de regra, isto é, a maneira pela qual às crianças de diferentes idades se apresentam o caráter obrigatório, sagrado ou decisório, a heteronomia ou a autonomia inerente às regras do jogo (PIAGET, 1994, pag.24).

Compreendo que Piaget procura mostrar a diferença entre a prática de regra e a consciência de regra. Sendo que na prática de regra a criança executa a regra do jeito que ela lhe é passada, e executa com uma obrigatoriedade. Já na consciência de regra a criança tem uma autonomia e não executa a regra por uma obrigação, mas por uma consciência do dever. No jogo a criança aprende a conviver com determinações, com o que deve e o que não deve executar. A regra cuida das relações sociais, pois ela é atribuída pelo coletivo. Ela ensina a criança a deliberar, ensina a perder e a ganhar.

Outro aspecto abordado na pesquisa é a Teoria Cognitiva. No livro *Seis Estudos de Psicologia*, Piaget desenvolveu a teoria cognitiva e associou a ela quatro estágios de desdobramento cognitivo no ser humano: 1º-sensório-motor(0 a 2 anos), 2º-pré-operacional (2 a 7,8 anos), 3º-operatório concreto (8 a 11 anos) e 4º-operatório formal(8 a 14 anos). Em razão da faixa etária das crianças com as quais se desenvolveram as oficinas de jogos (8 e 9 anos de idade), a investigação ora apresentada foca o terceiro estágio cognitivo proposto por Piaget, o estágio do operatório concreto, que se refere ao período da constituição da lógica e das estruturas operatórias (8 ao 11 anos). Destaca-se que no estágio operatório concreto, a criança já tem noções do que é individual e o que é coletivo.

Piaget diz que:

Quanto ao comportamento coletivo das crianças, constata-se depois dos sete anos notável mudança nas atitudes sociais como, por exemplo, no caso dos jogos com regra. Sabe-se que uma brincadeira coletiva, como a das bolas de gude, supõe um grande e variado número de regras, sobre o modo de jogar as bolas, as localizações, a ordem sucessiva dos lançamentos os direitos de apropriação no caso de ganhar etc. (PIAGET, 1999, pag.41).

De acordo com a citação acima depois dos 7 anos a criança começa a ter um desenvolvimento e um procedimento de compreensão do coletivo e de um entendimento melhor sobre regra. A pesquisa trabalhou com o terceiro estágio, o operatório concreto (8 a 11 anos), por entender que neste a criança começa a ter uma concepção de regra e um juízo do que é individual e o que é coletivo.

A fundamentação teórica da pesquisa teve como inspiração as noções de ética objetiva e ética subjetiva, em Hegel. Com elas procederam a comparação entre “prática de regra” e “consciência de regra” apresentada por Piaget. Que buscaram a sustentação teórica desenvolvida nesta pesquisa.

As reflexões expostas nesta monografia foram organizadas em 2 capítulos.

No capítulo 1 será feita uma explanação do que é o jogo, qual é a diferença entre o jogo teatral e o jogo dramático e porque procurei dar ênfase ao jogo teatral. No item 1.1 focarei os aspectos históricos dos jogos; no item 1.2 apresentarei alguns aspectos teóricos dos jogos teatrais e dos jogos dramático; no item 1.3 esclarecerei alguns apontamentos levantados por Piaget; no item 1.4 abordarei sobre regras, moral e ética; no capítulo 2 descreverei sobre a pesquisa de campo; no 2.1 focarei nos Instrumentos metodológicos e apresentação do contexto; no 2.2 ocorrerá apresentação da pesquisa de campo. A conclusão apontará o que foi possível de averiguar durante a pesquisa. A referência terá quais os autores dialogaram com a pesquisa e quais os recorte foram utilizados.

CAPÍTULO 1 – O que é o jogo?

1.1 Aspectos históricos dos jogos.

Falar do jogo é falar da essência da vida e não dá para definir dentro de uma linha temporal quando e onde o mesmo iniciou. Mas segundo o professor e historiador Johan Huizinga, o jogo já fazia parte da sociedade primitiva. Existia, por exemplo, na sociedade dos Vedas os rituais na ideia de cerimonia, seja ela sacrifício, competição ou representação. Esses rituais tinham com objetivo de obrigar os deuses a provocar sua realização efetiva (2000, pag. 18).

O jogo se faz presente no meio da sociedade; ele é constituído de movimentos, regras, ritmos, emoções, focos e tantos outros elementos. O jogo é uma ferramenta de socialização, lúdica, cultural e educacional. Existem jogos

de diversas maneiras, para diferentes idades, que perpassaram por diversas épocas. Alguns sobreviveram no tempo, enquanto outros surgem através das fusões de jogos.

Huizinga disse:

Diríamos então que, na sociedade primitiva, verifica-se a presença do jogo, tal como nas crianças e nos animais, e que, desde a origem, nele se verificam todas as características lúdicas: ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo. Só em fase mais tardia da sociedade o jogo se encontra associado à expressão de alguma coisa, nomeadamente aquilo a que podemos chamar 'vida' ou 'natureza'. O que era jogo desprovido de expressão verbal agora adquire uma forma poética. Na forma e na função do jogo, que em si mesmo é uma entidade independente desprovida de sentido e de racionalidade, a consciência que o homem tem de estar integrado numa ordem cósmica encontra sua expressão primeira, mais alta e mais sagrada. Pouco a pouco, o jogo vai adquirindo a significação de ato sagrado. O culto vem-se juntar ao jogo; foi este, contudo, o fato inicial (Huizinga, 2000, pag. 20, 21).

Percebe-se nesta fala de Huizinga, que o jogo também é constituído pelo místico, pelo sagrado, pela poética e por diversos outros elementos. O jogo ocorre através de uma relação ou disputa com o outro. Para que o mesmo advenha, são necessárias as vontades de ambos participantes. Na imagem abaixo temos um jogo onde ocorre uma relação mutua e a disputa faz presente. Nele a criança desenvolve uma tática coletiva para alcançar o alvo principal que é a bandeira. Neste jogo o importante nem sempre será a vitória, mas a capacidade de os envolvidos se organizarem e criarem condições táticas para alcançarem o alvo.



Pique Bandeira

Foto: Elias Ferreira

O jogo também é um importante instrumento de socialização e pacificação entre as diversas etnias; pois através do mesmo é possível aproximar duas etnias que estão em conflitos e apaziguar por um determinado período ou até mesmo voltar à paz. De acordo com Robert Nicholson, na Grécia Antiga os jogos olímpicos eram realizados durante cinco dias, mas as guerras eram interrompidas três meses antes para que as pessoas pudessem viajar com segurança (1996, pag.15). Hoje, com a forte influência mundial do futebol, é comum vermos jogos serem realizados entre nações com intuito de trazer alegria, desconcentração e paz para as nações que estão em constantes conflitos. Exemplo disso foi o Jogo da Paz, realizado pela ONU (Organização das Nações Unidas) em parceria com o Brasil. O jogo foi realizado em Porto Príncipe, capital do Haiti, em 2004, entre Brasil e Haiti, com intuito de pacificar a guerra civil sofrida pelos haitianos. Podemos dizer que o jogo é humanizador, mas devemos ter cuidado, por que quando o jogo não tem suas regras definidas ou quando o indivíduo ou a equipe não sabe lidar com a derrota, este jogo pode virar um conflito e muitas das vezes, dependendo do tamanho do conflito, fica quase impossível de ser reversível.

Para Gerbauer, Günter o jogo esportivo não é uma ação artística e nem ação ritualística, mas tem algo em comum com duas. Olhando o jogo esportivo com o foco ritualístico ele é efetivado num padrão de movimento pronto, como se o mesmo fosse padronizado. Ser olharmos o jogo esportivo com o foco artístico, na perspectiva teatral. Iremos observar que ele ocorre em um palco, tem um ação dramática encenada, sendo o teatro um campo ou uma quadra. O jogo esportivo não é artístico e nem ritualístico, mas talvez um terceira via. (2004, pag.160)

Salienta-se que no processo de pesquisa procurei focar apenas em duas modalidades de jogos: os jogos teatrais e os jogos dramáticos.

1.2 Alguns aspectos dos jogos teatrais e dos jogos dramáticos.

A terminologia “jogo teatral” foi denominada pela escritora e dramaturga americana Viola Spolin para diferenciar o jogo dramático do jogo teatral. Para

Spolin, o jogo teatral é o jogo da transformação, da socialização, do princípio pedagógico (2007, pag.22). O jogo teatral é um jogo dramático, mas com uma intencionalidade de mostrar ao observador ou plateia a sua ação.

Segundo Spolin:

Aprender a valorizar o papel da plateia deve tornar-se parte do treinamento teatral. Muitas vezes, a plateia é vista como um bando de curiosos a ser tolerado ou um monstro sem cabeça sentado para fazer julgamento. Na realidade, a plateia deveria ser o membro mais reverenciado no teatro. Sem uma plateia, não há teatro. Todos os trabalhos com jogos teatrais até aqui foram criados para serem realizados com parceiros que fazem a função de plateia (SPOLIN Viola, 2007, pag.241).

O jogo dramático é um faz de conta e não há intencionalidade de demonstrar a ação para plateia. Ele é uma representação lúdica que envolve o sujeito e a personagem, onde não há necessidade de plateia. Podemos dizer de certa forma, que o jogo dramático antecede o jogo teatral, é nele que as ações ocorrem de maneira mais orgânica. De acordo com Ricardo Japiassu “Na ontogênese, o jogo dramático (faz-de-conta) antecede o jogo teatral” (JAPIASSU, 1998).

Segundo Spolin:

Nos primeiros jogos simbólicos, a assimilação domina a acomodação. Ou seja, a criança brinca espontaneamente, assimila uma situação sem fazer a correspondente acomodação- ela brinca ao sabor de sua fantasia (KOUDELLA, 1984, Pag. 45).

Exemplo de jogo dramático: uma criança brincando de ser mãe. Ela faz de conta que é uma mãe e que esta amamentando seus filhos.

Segundo Spolin, jogo teatral é um jogo de regras e que tem uma estrutura dramática pautada no “Onde”, “Quem”, O “Que” e “Foco”. Spolin traz o conceito de que o Onde nos diz em que ambiente estamos. Através das diversas referências que encontramos no ambiente podemos perceber que lugar é aquele. O Quem é a personagem e /ou relacionamento; é demonstrado através das atitudes que as pessoas manifestam umas para com as outras, seus relacionamentos. A forma por meio da qual nos relacionamos, permite distinguir quem são as pessoas que estão próximas de nós. O Que é a ação. É o momento do agir, do interagir e da transformação. O Foco requer

concentração. É o olhar vivo para manter o jogo, que ajuda a contracenar e solucionar o problema. (Pag. 123 a pag.160). Ainda de acordo com Spolin, o jogo teatral é constituído por três elementos essenciais: foco, instrução e avaliação. Foco requer uma concentração e mantém o jogo em movimento (2007, pag.32), enquanto a instrução é uma frase ou comando que mantém os participantes no foco. Já a avaliação se caracteriza como forma de medir o nível de compreensão dos participantes, mas ela não deve ser realizada nos moldes da escritas ou das perguntas e respostas como ocorre na maioria das vezes no ensino formal e sim, avaliar envolvimento e desenvolvimento do aluno no processo do jogo.

O jogo teatral tem um papel pedagógico e contribui com o desenvolvimento humano, cultural, social dos participantes através da experiência lúdica e de forma prazerosa. Ele vai além do cumprir papel do passatempo. Nele os participantes são instigados a desenvolver suas habilidades criativas em teatro, voltada para a cena teatral, aprendem a lidar com regras e conviver com o coletivo.

Mas vale ressaltar que não há um acordo sobre a separação da expressão do jogo teatral e o jogo dramático por parte de pesquisadores.

Segundo Slade:

[...] o jogo (e certamente nos estágios mais precoces) é tão fluido, contendo a qualquer momento experiências da vida cotidiana exterior e da vida imaginativa interior, que se torna discutível se um deveria ser encarado como uma atividade distinta do outro. É importante, naturalmente que a diferença seja compreendida, mas a distinção pertence mais ao intelecto do que ao jogo propriamente dito. A criança sadia se desenvolve para a realidade à medida que vai ganhando experiência de vida (SLADE, 1978, p. 19).

Slade procura não fazer distinção entre jogos, mas entende que é importante compreendê-los. Compreendo que Slade coloca o intelecto como o principal elemento que distingue o jogo, antes mesmo que o próprio jogo. Para ele ocorre uma transição que envolve a criança de acordo com sua experiência. Slade dialoga com Koudela que reforça que a passagem do jogo dramático para o jogo teatral acontece de forma gradual no intelecto da criança e torna o gesto espontâneo. Segundo a autora “No intelecto a criança decodifica o significado do jogo e passa a utilizar de maneira consciente, onde

passa a estabelecer o processo de comunicação com a plateia". (Koudela,1992, p.45)

Na fala de Koudela supracitada, o possível perceber como ela tem uma linha de pensamento que dialoga com Slade, no que desrespeito ao intelecto. Tanto Koudela quanto Slade coloca que no intelecto ocorre a codificação e a distinção do jogo.

1.3 Piaget: Alguns apontamentos.

Piaget no estudo "*Juízo Moral Na Criança*" trabalha com dois conceitos relacionados às regras. Um é a "prática de regras" e o outro é a "consciência de regras". Na "prática de regras", Piaget retrata a moral. A criança procura respeitar as regras estabelecidas pelos jogos como se fosse uma coação. Já na "consciência de regras" há um envolvimento mútuo, onde as regras estabelecidas podem passar por uma discussão e proposição coletiva, quebrando as algemas propostas nas práticas de regras. Podemos perceber que os conceitos de Piaget estão embasados nas noções de ética e moral. A consciência de regras nada mais é que o despertar de um senso ético. Nela a criança aprende a conviver com as decisões coletivas. Já a prática de regras, se relaciona à moral, como algo externamente imposto e nela encontramos os costumes, as regras e hábitos.

Dentro do jogo teatral, é importante a criança conhecer a regra e saber praticá-la, pois a mesma reflete a moral.

Mora diz:

Hegel diferenciou a moralidade enquanto moralidade subjetiva (Moralität) da moralidade enquanto moralidade objetiva (Sittlichkeit). Traduz-se por vez Moralität por "moralidade" e Sittlichkeit por "eticidade". A distinção hegeliana entre Moralität e Sittlichkeit é em certo aspecto análoga à aludida diferenciação kantiana. De fato, enquanto a Moralität consiste no cumprimento do dever por um ato de vontade, a Sittlichkeit é a obediência à lei moral enquanto fixada pelas normas, leis e costumes da sociedade, que representa por sua vez o espírito objetivo ou uma das formas deste (MORA 2004, pag. 2011).

Para Hegel a moral objetiva nos conduz para a obediência. Mas, devemos ficar atentos para que as crianças não fiquem presas à mera obrigação de

regras ou por uma questão moral. O mais importante não é despertar um sentimento de obrigação moral, mas um senso ético. Pois é através da ética, que devemos despertar na criança a consciência de regras defendida por Piaget.

Segundo Piaget:

A regra da coação, ligada ao respeito unilateral, é considerada sagrada e produz no espírito da criança sentimentos análogos àqueles que caracterizam o conformismo obrigatório das sociedades inferiores. Mas permanece exterior à consciência da criança e não conduz como o desejaria o adulto a uma obediência efetiva. A regra devida ao acordo mútuo e à cooperação enraíza-se, pelo contrário, no interior mesmo da consciência da criança e conduz a uma prática efetiva, na medida em que se associa com a autônoma (PIAGET, 1994, pag. 270).

Na coação da regra Piaget mostra que o adulto faz uma imposição de regra sobre a criança criando na criança um sentimento de obrigatoriedade, de obediência a regra e que não importa a instrução da mesma. Só que essa coação não traz uma consciência, nem uma cooperação e uma prática efetiva de regra. É necessário obedecer as regras, mas antes de obedecer as regras impostas pelos adultos ou pela sociedade, é mais que necessário ter a consciência ética. Por que a partir da consciência ética, a criança irá avaliar se deve ou não deve obedecer uma determinada regra. Exemplo é a segunda guerra mundial, "Quem matar um Judeu, obterá perdão pelos seus pecados" (Kampmann, 1979, pag.16). Este lema era uma regra que deveria ser obedecido obrigatoriamente. Um ser consciente entenderia que se tratava de uma regra, mas não aceitaria praticar tal ato, por entender que não é ético.

1.4 Sobre Regras, Moral e Ética

A ética, a moral e a regra estão interligadas umas nas outras. Elas se confundem, mas têm suas peculiaridades. Podemos dizer que as regras são um conjunto de leis ou códigos que regem uma sociedade, uma instituição, um jogo ou gêneros semelhantes. As regras contribuem para o bom convívio coletivo, nelas estão refletidas discussões, preceitos e acordos sociais sobre o que o indivíduo deve ou não fazer. Elas determinam também a inclusão ou exclusão do indivíduo no cerne em que vive.



Jogo Chinelo

Foto: Elias Ferreira

Há diversas regras que perpassam pelo âmbito individual e coletivo, elas estão presentes nas ciências exatas e ciências da educação; pois elas estão em todos os âmbitos da sociedade. Mas uma boa regra tem que ser criada levando em consideração a ética. Ela tem que estar acima do “eu”; pois ela tem que extrapolar o campo da individualidade e se preocupar em atender a coletividade.

A moral é o costume de ser de um povo, que é regida por regras e hábitos que são adquiridas através da educação ou tradição, a moral traz consigo a obrigatoriedade do indivíduo cumprir tal costume. A moral está mais ligada a prática de regras de Piaget ou a ética objetiva de Hegel, que estão voltadas para obrigação de cumprir a regra.

Segundo Fagundes:

[...], para Hegel, a moralidade indaga sobre a autodeterminação das vontades livres, ou seja, pelos propósitos, pelas intenções, enfim, pelos objetivos que movem a conduta do sujeito (FAGUNDES, 2012, pag.119).

Para Hegel, a moral subjetiva implica diretamente na conduta do indivíduo. Ela leva o indivíduo a questionar a vontade livre. Hegel trabalha com

dois conceitos de moral. Uma é a moral objetiva e a outra é a moral subjetiva. A moral objetiva é aquela que nos conduz para a obediência. Enquanto a moral subjetiva nos leva a cumprir um dever pela vontade própria que desenvolve e se realiza dentro do Estado formado por instituições sociais e políticas (2006, pag.28).

A ética é um conhecimento adquirido que perpassa pelo comportamento e valores do indivíduo dentro da sociedade. Nela o indivíduo não deve fazer algo por obrigação, mas sim, fazer por ter consciência que aquilo que está executando faz bem ao convívio coletivo.

Fagundes diz:

Para Hegel, portanto, moral e ética são coisas distintas, pois, para além da intenção, a eticidade requer que a vontade seja posta como adequada ao conceito e, com isso, superada e guardada sua subjetividade... Uma decisão implica escolha, e quem escolhe renuncia à totalidade e se compromete com a finitude, impondo-se limites. E mais: para Hegel, o que determina a escolha são exatamente as circunstâncias históricas, a cultura, os hábitos e os costumes (FAGUNDES, 2012, pag.121).

Hegel procura separar a ética da moral e dar um conceito mais elevado para ética. Ele fundamenta a ética dentro de um conceito de “consciência do dever”. Nenhum indivíduo deve praticar uma ação para fazer cumprir determinadas regras ou gosto de alguém. Mas quando o indivíduo pratica uma determinada ação, ele deve ter consciência do que está fazendo e praticar tal ação por um sentimento de dever e não por mera obrigação. Hegel também diz que as escolhas do indivíduo estão ligadas ao seu contexto histórico-cultural, demonstrando que o indivíduo transforma e é transformado através dos valores culturais herdados.

Capítulo 2 - Pesquisa de Campo

2.1 Instrumentos Metodológicos e Apresentação do Contexto.

A pesquisa buscou articular a noção e a prática de jogos à teoria do “Desenvolvimento Moral na Criança” de Piaget no que tange a “prática de

regra” e “consciência de regra”. Para melhor compreensão da noção de regra na teoria piagetiana, busquei os conceitos filosóficos de moral e ética.

Para realizar a pesquisa foram utilizados três instrumentos que contribuíram na coleta de dados. O primeiro instrumento foi uma oficina de jogos teatrais ministrada por mim, cujo programa encontra-se disponível em anexo. O segundo instrumento foi um questionário elaborado por mim, e respondido pela diretora e por duas professoras da escola que fizeram a explanação da percepção que tiveram sobre o desenvolvimento dos alunos que participaram da oficina. O terceiro e último instrumento foi uma roda de conversa informal com os alunos que participaram da oficina.

A pesquisa se estruturou a partir de três linhas de ação: primeira: escolha do local e dos alunos; segunda: elaboração e aplicação da oficina de jogos; e terceira elaboração do questionário e aplicação junto as professoras, uma roda de conversa informal com os alunos e análise dos dados.

Primeira linha de ação: escolha do local e dos alunos

A comunidade do Ipaneminha, localizada na zona rural de Ipatinga, no Estado de Minas Gerais, tem aproximadamente oitenta e cinco anos. No Ipaneminha a cultura popular faz presente através do Clube Dançante Nossa Senhora do Rosário, que tem oitenta anos de existência. O mesmo é conhecido popularmente como Congado do Ipaneminha e vem lutando para manter a tradicional manifestação cultural de Ipatinga, o Congado. Na comunidade do Ipaneminha encontra-se a escola escolhida para a realização desta pesquisa que é a Escola Municipal Professor Mário Casassanta.

Essa manifestação cultural foi um dos motivos que me levou a escolher a comunidade do Ipaneminha para a realização da pesquisa, foi devido a mesma ter uma forte tradição na cultura popular que hoje carece de apoio e incentivo para continuar existindo. Eu não poderia de ter deixado de realizar a pesquisa e a oficina de jogos com os alunos do Ipaneminha, por acreditar que a oficina de jogos contribui no desenvolvimentos cultural, educacional e social dos alunos e os sensibilizam para continuarem a manter suas tradições. Outro motivo que me levou a escolher comunidade do Ipaneminha, foi devido a mesma estar localizada em uma área que se encontra no perímetro rural e por

seus habitantes terem pouco acesso às mais variadas manifestações culturais existentes na cidade de Ipatinga.

Para participar da oficina de jogos o aluno tinha que ter a idade de 8 e 9 anos, cursando a 3ª e 4ª série, ou seja, tinha que estar no terceiro estágio. A escolha dos alunos ocorreu por parte do corpo diretivo da escola, mas devido a escola ter aproximadamente 40 anos ao todo, não tivemos nenhum contratempo na escolha dos alunos para participarem da oficina, pois todos os alunos que estavam na faixa etária de 8 e 9 anos foram contemplado com a oficina.

Segunda linha de ação: elaboração e aplicação da oficina de jogos.

Uma vez identificada escola e os alunos que iriam participar da oficina de jogos foi necessário elaborar uma oficina de jogos para quinze alunos da 3ª e 4ª série, com a idade de 8 e 9 anos a qual pode ser consultada em anexo. Foram dois meses de oficina, com periodicidade de duas vezes por semana e com duração de uma hora e meia cada aula.

O terceira linha de ação: elaboração do questionário e aplicação junto às professoras, uma roda de conversa informal com os alunos e análise de dados dos questionários respondidos pelas professoras.

Por fim, foi feita uma aviação paralelamente a oficina, foi elaborado e aplicado um questionário para três professoras que propuseram-se a participar da pesquisa respondendo o questionário, a diretora da escola Sandra Paranhos, a professora de educação física Márcia Santana e a professora de língua portuguesa Elisangela Menezes.

O questionário procurou abordar os seguintes aspectos liderança propositiva, liderança negativa, liderança controladora, frustração/Emocional(choro/raiva), frustração/aceitação, ansiedade-pressa/afobação e competitividade x colaboratividade.

Com os alunos que participaram da oficina de jogos, estava programado elaborar um questionário específico para eles. Mas no decorrer da oficina optei realizar uma roda de conversa informal, por entender que os mesmos teriam dificuldade em responder um questionário. Na roda de conversa informal

indaguei eles nos seguintes aspectos: qual foi o exercício que eles sentiram maior dificuldade em fazer? Qual foi o jogo que eles mais gostaram? O que eles acharam das regras dos jogos? Qual era o mais importante na compreensão deles. Ser obrigado a respeitar as regras ou compreender que todos tem o dever de respeitar as regras?



Roda de Perguntas

Foto: Elias Ferreira

A pesquisa ocorreu na Escola Municipal Mário Casassanta, que se encontra dentro da comunidade do Ipaneminha, com quinze alunos da 3ª e 4ª série, com a idade de 8 e 9 anos. Foram dois meses de oficina, com periodicidade de duas vezes por semana e com duração de uma hora e meia cada aula.

2.2 Observações de Campo.

Discurso nesta seção minhas observações a respeito da pesquisa e o que a mesma apontou a respeito da regra, da moral, da ética e do jogo. Para contribuir com a pesquisa trago os olhares externos de três educadoras que vivenciam oito horas diárias de segunda a sexta com os educandos. Elas fizeram uma explanação da percepção que tiveram sobre o desenvolvimento dos alunos que participaram da oficina. As três educadora são: a professora de língua portuguesa Elisangela Menezes, a professora de educação física Márcia Santana e a diretora Sandra Paranhos. Eu solicitei a elas que respondessem um questionário que avalia o desenvolvimento dos alunos e neste questionário

estão destacados questões ligadas à liderança, a ansiedade, o individualismo, a frustração, a percepção, a competitividade, a colaboração e a coletividade. Elegi tais temas norteadores pois, durante a aplicação dos jogos, pude observar que estes fatores foram os que mais afloraram.

Foram trabalhados com alunos jogos que proporcionaram o convívio e o respeito à coletividade. Durante a aplicação dos jogos teatrais, pude observar alguns fatores que me chamaram atenção no decorrer da oficina. Entre os fatores destaque questões ligadas à liderança, a ansiedade, o individualismo, a frustração, a percepção, a competitividade, a colaboração e a coletividade.

No aspecto liderança, alguns alunos demonstraram um forte potencial. Observei que alguns alunos sempre se colocavam de prontidão e eram os primeiros a participarem e incentivavam os demais colegas a participarem. Esses alunos conseguiam identificar os colegas que poderiam se sair melhor nas atividades e propor que os mesmos dividissem em grupos opostos em exercícios de competitividade. Isso contribuía com o equilíbrio entre as equipes e essas ações, propostas por eles, contribuía com o coletivo.

Sobre esse aspecto, segundo a diretora da escola Mário Casassanta Sandra Paranhos:

Sempre acontece de no grupo se destacarem líderes, tanto nos assuntos “sérios” como na hora das brincadeiras. Liderar para quem não tem consciência da responsabilidade assumida é fácil, por isso aparecem alunos com ideias inadequadas para o momento e acabam influenciando negativamente os colegas (PARANHOS, Sandra em resposta ao questionário elaborado por mim).

De fato, como lembra a diretora Sandra, observei que em alguns momentos o fator liderança aparecia de forma negativa ou controladora dentro do grupo. Alguns alunos tentaram impor uma liderança negativa, ao ponto de desestruturarem o coletivo. Ao realizar o jogo do par ou ímpar por exemplo, para escolherem os integrantes das equipes, esses alunos por acreditarem que suas equipes estavam ficando fracas e que eles tinham influência sobre alguns colegas, eles se recusaram a participarem dos jogos.

De acordo com Piaget a criança que se encontra no terceiro estágio, não tem compreensão da regra em seus pormenores (1994, pag.44). Compreendo

que esse alunos estavam apenas preocupados em ter um time forte para poder disputar o jogo e vencer. A regra, a moral e a ética muitas vezes ficavam em segundo plano, até mesmo, pela falta de compreensão como menciona Piaget. Dentro de um sistema competitivo, o vencer vem em primeiro, mas é possível respeitar as regras, ser competitivo de maneira ética, sem precisar de desestruturar o coletivo.

Em momentos assim tive que intervir, explanando para todos que o mais importante ali era a participação dentro do jogo teatral, o respeito às decisões coletivas, o respeito às regras do jogo e a compreensão e o respeito pelos colegas e as suas limitações, pois todos nós temos as nossas dificuldades. Disse ainda, que a competição faz parte do jogo, ela é até saudável, desde que ela respeite o coletivo e que o indivíduo não se coloque superior ao coletivo. Disse também que devemos saber encarar a derrota, do mesmo jeito que encaramos a vitória. Tive que ser firme nas palavras, ao ponto de dizer que, se eles não respeitassem os colegas e as decisões do coletivo, eu iria parar com o jogo. Houve ocasiões em que realmente eu tive que parar com o jogo, para fazê-los compreenderem que o coletivo vem em primeiro lugar.

No aspecto frustração/emocional Sandra Paranhos diz:

No tocante ao emocional, temos alguns casos isolados de alunos que se recusam a respeitar os combinados e regras e quando são chamados a tais situações se descontrolam emocionalmente, choram ou usam palavrões para verbalizarem sua frustração, mas a grande maioria dos alunos, por terem construídos os combinados e regras coletivamente, não apresentam dificuldades para lidarem com o sucesso ou fracasso (PARANHOS, Sandra em resposta ao questionário elaborado por mim).

De acordo com Sandra Paranhos, percebo que a escola proporciona aos alunos o desenvolvimento da moralidade, propondo-os a cooperação mútua de igualdade, levando em consideração o respeito e as diversidades existentes entre os alunos. Compreendo também que os alunos praticam em parte, de forma inconsciente a “Consciência de Regra”. Porque segundo Piaget, na “Consciência de Regra” a criança pode propor mudança, mas as mudanças nas regras tem que passar por um acordo do coletivo. Ele cita também que “a “consciência de regras” está condicionada ao conjunto moral da vida da criança” (1994, pag. 52). Digo que os alunos praticam a “consciência de regras”

de forma inconsciente, porque eles ainda não as praticam pela consciência do dever.

Ansiedade é outro ponto que identifiquei na turma. Havia momentos em que alguns alunos que não tinham paciência de esperarem a explanação dos jogos e suas regras. Alguns demonstraram dificuldade em ouvir, por isso, ficaram muito ansiosos ao ponto de entrarem em conflitos uns com os outros. Eles não conseguiam esperar as frases serem concluídas e logo tentavam decifrar as mesmas antes do término.

Sobre essa questão a professora de língua portuguesa Elisangela Menezes observa:

Ser competitivo e ser colaborativo ao mesmo tempo é algo muito difícil. Dentro da recreação dos alunos, visualizo que os mesmos são muito mais aflorados no campo da competitividade. Acredito que isso ocorra devido o sistema de sociedade que escolhemos viver e isso afeta todas as áreas. Mas esses alunos tem uma vantagem de se encontrarem afastados do meio urbano, onde a competitividade é mais acirrada. Por isso eles conseguem ser um pouco colaborativo e afetivo com o colega. Interessante como eles gostam de demonstrarem serviço, brigam entre eles, para ser aquele ou aquela que vai fazer um favor para mim ou qualquer outro professor. Isso para eles é muito importante, se prontificam para fazer qualquer coisa. A competitividade entre eles é momentânea e saudável, nada que prejudique o desenvolvimento deles quanto indivíduo e nem o desenvolvimento coletivo (MENEZES, Elisangela em resposta ao questionário elaborado por mim).

Como menciona a professora Elisangela, a competitividade é algo aflorado entre os alunos. Eu também tive essa percepção, o individualismo foi um aspecto marcante no grupo e acredito que isso ocorreu devido a competitividade existente entre eles. Sempre apareciam alunos que se as coisas não fossem do jeito deles, ficavam chateados e expressavam claramente através das expressões corporais e faciais as suas indignações. Alguns integrantes dos grupos tinham dificuldade em compreender que dentro do coletivo, um indivíduo não deve ter mais ou menos destaque que o outro. Muitas vezes ocorria de alunos participarem dos jogos, com o foco no “eu” e não o coletivo.

A competitividade em determinados momentos entre os alunos era positiva. Percebia-se que alguns se esforçavam para não perderem. Às vezes um ganhava ou vice e versa. Só que dentro do coletivo ocorria de ter uma

pressão por parte de alguns integrantes dos grupos, sobre seus companheiros de equipe. Esses integrantes pressionavam seus colegas de equipe para que os mesmos conquistassem pontuação ou vencessem nos jogos. Eram os momentos em que a competitividade assumia característica negativa. Quando o aluno que estava sendo pressionado não alcançava a pontuação ou a vitória desejada, percebia-se uma frustração ou percebia-se que havia um sentimento de impotência.

Em momento assim tive que fazer novas intervenções para que isso não ocorresse novamente. Intervir para lembrar os grupos que as competições têm que ocorrer de forma saudável ao ponto de elevar a autoestima e não desvalorizar as pessoas. Todos estão sujeitos a ganhar e a perder. Lembrei a eles que quando perdessem, nunca deveriam condenar ou procurar um culpado; mas sim, procurarem uma forma de acertarem juntos; pois no grupo, quando um erra, todos erram. É como se fosse uma corrente que arrebatasse um de seus elos, todos os demais elos perderiam suas forças. Por que dentro do coletivo, todos são responsáveis por todos.

Sobre essas questões, a professora de educação física, Márcia Santana discorre que:

Nos momentos de jogos, brincadeiras e algumas atividades esses impasses acontecem, então algumas crianças são sujeitas a enfrentar as suas frustrações, medos e raiva. Esses momentos vão passando e elas vão entendendo que umas vezes se perde e outras se ganha. E a raiva por estarem ligadas também as brigas, então as crianças sabem que quando não respeitam as regras elas terão que assumir as responsabilidades de acordo com as normas a escola. (SANTANA, Márcia em resposta ao questionário elaborado por mim).

A professora Márcia pondera que no fator frustração os alunos durante os jogos estão sujeitos a ganhar ou perder e tem que enfrentar o medo e a raiva. Mas em caso de derrota, não justifica um aluno entrar em confronto com o outro por ter perdido e descarregar toda sua raiva em cima do seu colega. Ela ressalta que na escola existem normas e o aluno que descumprir deverá se responsabilizar por quebra das regras.

É necessário que os alunos apreendam a cumprirem as regras e que tenham consciência que qualquer interpretação diversa, não estão agindo corretamente e com isso, estão sujeitos assumir as responsabilidades e suas consequência como menciona a professora Márcia.

O nível da competitividade entre os alunos era forte, que as vezes levava alguns alunos a frustrarem por não conseguir alcançar a vitória. Teve vez de o aluno perder na competição do jogo e sair chorando e os colegas usarem expressões nada agradáveis com o companheiro. Chamei atenção diversas vezes de alguns alunos, por não aceitarem que o companheiro perdesse na competição.

Mas por outro lado, haviam alunos que eram solidários e colaborativos. Teve aluno que ao perceber no jogo que um dos integrantes da turma não estava indo bem com o seu companheiro, esse aluno fazia questão de trocar de dupla com um dos companheiros para ajudar o colega. Este tipo de ação é muito importante para a continuidade do jogo e demonstra solidariedade com o companheiro.

Mas mesmo tendo alguns contra pontos da competitividade e de determinados integrantes dos grupos, gostaria de ressaltar que a coletividade foi um fator determinante nos exercícios que não havia competições. Exemplo foi o exercício da centopeia. Este exercício não fazia parte do plano de aula, mas fiz questão de inclui-lo, exatamente para trabalhar o espírito da coletividade. Fizemos uma roda com as mãos dadas e solicitei que todos virassem para a direita e que mantivessem o círculo. Feito esta primeira parte, solicitei que dessem um passo para dentro da roda e sempre com o foco no círculo e total concentração. Chegamos ao ponto exato, em que ambos pudessem no momento do meu comando, sentarem nos joelhos uns dos outros. Na primeira até a terceira tentativa deu errado, mas a persistência e o desejo de conseguirem fazer o exercício contribuíram para que todos concentrassem e pensassem de forma coletiva o papel de cada indivíduo dentro do exercício; pois só conseguiríamos executar o exercício, se todos concentrassem e obedecessem ao comando juntos e no momento certo. Na quarta tentativa as coisas fluíram, mas com todo cuidado e no

acompanhamento do passo a passo. Eu sempre observava se todos os indivíduos estavam na posição correta e se poderia ir para a conclusão da atividade. Conseguimos realizar o exercício da centopeia e eu parabeneizei a todos e disse a eles que o coletivo só é possível quando o indivíduo compartilha com o outro e todos se colocam no mesmo patamar.

2.3 - BATE PAPO COM ALUNOS

Ao invés de realizar da entrevista com os alunos, eu propus fazer um bate papo descontraído, por acreditar que os alunos teriam dificuldades em elaborar respostas para possíveis perguntas que pudessem serem feitas. Peguei na mão de um dos alunos e solicitei aos demais que fizessem o mesmo para fazermos um círculo. Fizemos uma roda e sentamos.

Em seguida perguntei a eles qual foi o exercício que eles sentiram maior dificuldade em fazer. A aluna Yasmim Menezes manifestou dizendo que teve dificuldade em realizar o jogo do espelho. Ela disse que seus colegas eram rápidos demais e não dava tempo pra ela acompanhar o movimento. Outros alunos também manifestaram reforçando a fala da Yasmim. Já a aluna Raissa Madeira, disse que encontrou dificuldade no exercício de completar a imagem. Ela relatou que quando estava na roda, ficava pensando na imagem que iria criar, mas na hora de fazer nada saiu como pensava. Ela propunha uma coisa e a colega entendia outra. Vários alunos manifestaram dizendo que também tiveram o mesmo problema que a colega Raissa.

Na fala da aluna Yasmim Menezes percebe-se que o individualismo sobrepõem ao coletivo em determinados momentos e que por ansiedade, a regra é colocada de lado atrapalhando o bom desenvolvimento do jogo. Também podemos perceber que inconscientemente a ética é afetada, pois alguns alunos por não terem uma consciência coletiva acabam colocando o “eu” em primeiro lugar e fazem do jogo por uma obrigação e não por consciência e dever coletivo. Ponderei a eles dizendo que era necessário pensarem uns nos outros. Falei também que quando é aplicado um exercício em dupla ou coletivo, é necessário que eles tenham paciência com o colega e

tentam encontrar o tempo um do outro ou perceber o que o colega está propondo para tentarem jogarem juntos.

Perguntei a eles qual foi o jogo que eles mais gostaram. Matheus Felipe manifestou dizendo que foi o jogo do chinelo. Perguntei ao Matheus por que e ele me disse porque era um jogo onde tinha um ganhador e que a turma dele ganhou. Já, para a aluna Alice Sabrina, o jogo que ela mais gostou foi o da caça e caçador. Alice falou que era bom ser a caça, porque a caça ficava com os olhos abertos e fazia hora com o caçador que estava de olhos fechados. A aluna Mariana Dias expressou ser angustiante ficar de olhos vendados, dava uma insegurança e causava medo e por isso não gostou ser caçador, mas gostou ser caça.

Indaguei aos alunos o que eles acharam das regras dos jogos. Júlio César disse que as vezes as regras confundem e ele ficou confuso em alguns momentos de alguns jogos. Para a aluno Mayvon Alves, as regras foram boas para não deixarem ninguém sair em vantagem. Ele acredita que as regras ajudam a não deixar uma pessoa ter proveito no jogo.

A confusão da regra que o aluno Júlio César manifestou é natural, porque a compreensão da mesma depende da interpretação de cada um. Isso ocorrem não só com as crianças ou com os adultos, mesmo aqueles que trabalham com as regras no dia a dia dentro do campo jurídico, também tem olhares e interpretação diferente. Uma regra pode vir a ter diversas intepretações, o importante é chegar a um conceito onde tenha uma aprovação de todos. Na fala do aluno Mayvon Alves, percebi que ele tem uma preocupação com a moral e a ética. A regra no entendimento dele, ajudou a controlar para que ninguém pudesse agir de esperteza e essa fala demonstra uma preocupação moral. Sendo trabalhada pode vir a ser uma consciência ética, onde a prática da regra tem que ser executada como dever e não como obrigação moral.

Perguntei a eles o que era o mais importante na compreensão deles: ser obrigado a respeitar as regras; ou compreender que todos tem o dever de respeitar as regras? Matheus Felipe disse que devemos ter a obrigação, por que se não for através da obrigação, ninguém obedece. Boa parte da turma

concordou com ele. Mas a aluna Isabel Cristina, discordou de Matheus e disse que acreditava que todos deveriam ter o dever de cumprir as regras. Perguntei ela por que e ela disse que não sabe o porquê. Mas acredita que é o dever.

Matheus Felipe ao expressar sua opinião demonstrou que se deve trabalhar a “prática de regra”, ou seja, a “moralidade objetiva”. Enquanto Isabel Cristina pontuou que devemos trabalhar a “consciência de regra”, ou seja, a “moralidade subjetiva”. Aproveitei o momento para dizer a eles, que assim como no jogo, na vida existem regras onde eles estiverem. Na escola tem regras, na casa deles e vários outros lugares. Mas que o importante não é respeitar as regras por obrigação e sim, temos que compreender que é um dever nosso como seres humanos, respeitar as regras para que não haja conflito. Esse dever, tem ocorrer através de uma consciência. Por isso devemos ter a consciência de respeitar as regras da escola, de casa, da turma de amigos e em todos os lugares que frequentamos.

Solicitei uma avaliação da oficina. Isabel Cristina disse que gostou e que aprendeu muita brincadeira (jogo) que não conhecia. Ismael Fernandes disse que foi legal a oficina e o que mais gostou foi o que, por exemplo, não é um jogo teatral, mas um jogo, o “pique bandeira”.

Por fim, agradei a todos e disse que foi um prazer ter vivenciado aquele momento com eles.

CONCLUSÃO

No processo de pesquisa tive contato com os conceitos e aspectos históricos dos jogos e percebi que os mesmos contribuíram para o aprendizado e o desenvolvimento humano, cultural, educacional, social e etc.

Segundo Huizinga:

Não foi difícil mostrar a presença extremamente ativa de um certo fator lúdico em todos os processos culturais, como criador de muitas das formas fundamentais da vida social. O espírito de competição

lúdica, enquanto impulso social, e mais antigo que a cultura, e a própria vida está toda penetrada por ele, como por um verdadeiro fermento. O ritual teve origem no jogo sagrado, a poesia nasceu do jogo e dele se nutriu, a música e a dança eram puro jogo. O saber e a filosofia encontraram expressão em palavras e formas derivadas das competições religiosas. As regras da guerra e as convenções da vida aristocrática eram baseadas em modelos lúdicos. Daí se conclui necessariamente que em suas fases primitivas a cultura é um jogo. Não quer isto dizer que ela nasce do jogo, como um recém-nascido se separa do corpo da mãe. Ela surge no jogo, e enquanto jogo, para nunca mais perder esse caráter.
(Huizinga, 2000, pag. 164).

Nesta fala de Huizinga podemos ver o quanto estamos envolvido nos jogos, pois o mesmo está relacionado com quase tudo que nos envolve. Ele está impregnado em nós e o expressamos em tudo que desenvolvemos.

No aspecto histórico dos jogos a pesquisa contribui para entender que os jogos ajudam a estimular a concentração dos envolvidos, colocando os mesmos para focarem no objetivo que os jogos lhes proporcionam. Com uma concentração focada, os envolvidos nos jogos desenvolvem seus potenciais criativos, com o objetivo de solucionar os problemas levantados por estes jogos. Com isso, o participante está sendo instigado a pensar e a apreender formas de resolver as situações colocadas em questão. Não podemos negar também que o jogo outro têm uma função social, pois o mesmo têm uma forte influência na vida da sociedade, com potencial de unir as nações em conflitos com único objetivo, que é a paz.

Em minhas considerações finais, pontuo que a pesquisa contribui para entender o que o jogo proporcionou nos fatores ligados a liderança, a competitividade, a ansiedade, o individualismo, a frustração, a percepção, a colaboração e a coletividade.

No aspecto liderança, a pesquisa destacou dois tipos, um a liderança positiva e o outro a liderança negativa. No decorrer da oficina de jogos houve alunos que destacaram pela liderança positiva, esses alunos propunham jogos, eram participativos e incentivavam seus colegas a participarem. Quanto a liderança negativa alguns alunos tentaram impor suas ideias sobre seus colegas, em determinado momento tirava a concentração do grupo. Eu compreendo que essa ação negativa por parte de alguns alunos, pode estar

relacionada ao meu entender, com a ausência da consciência de responsabilidade mencionada por Sandra Paranhos.

Já no aspectos competitividade, pude perceber que boa parte dos alunos tinham uma carga de competitividade aflorada dentro do jogo, aos ponto de influenciá-los e conduzi-los para o campo do individualismo. Elisangela Menezes destaca muito e muito bem, que ser competitivo e ser colaborativo dentro do coletivo ao mesmo tempo, é uma tarefa muito difícil. Entendo que ser competitivo faz parte do jogo e é até saudável. Tenho a compreensão que dentro do jogo coletivo, um indivíduo não deve ter mais ou menos destaque que o outro. Porque senão a excelência de coletividade perde o seu sentido e o individualismo acaba imperando.

No fator Frustração é necessário ter a compreensão que todos que estão jogando, estão sujeito a ganhar ou perder. As pessoas não foram criadas para lidar com a perda e por isso, em determinado momentos ocorreu de alguns alunos se frustrarem e até brigarem com seus colegas de grupo, isso por não admitir a derrota. Mas como menciona Márcia Santana, a escola tem normas a serem cumpridas e quando o alunos não respeita as regras, eles tem que assumir a responsabilidade e arcar com as consequência de acordo com a normas da escola. O aluno tem todo direito de ficar chateado por ter perdido, mas isso lhe dar o direito de sair desabafando em cima dos colegas.

Tive a compreensão durante a pesquisa que na teoria do desenvolvimento Piaget retrata a “prática de regra” como sendo a moral, algo que não se deve questionar, e sim, a obrigação de cumpri-la. Já na “consciência de regra”, entendo que Piaget(1994) retrata a ética, onde a criança cumpri a regra não como obrigação, mas por entendimento de uma consciência do dever. Para entender melhor a teoria de Piaget, busquei na filosofia os conceitos de regra, moral e ética. Os conceitos parecem ser a mesma coisa, mas cada uma tem suas particularidades. As regras são um conjunto de leis que regem um povo. Já a moral, o filósofo Hegel (2012) divide em dois conceito: “moralidade objetiva” e “moralidade subjetiva”. Para ele, a “moral objetiva” nos leva a obediência das regras. Enquanto a “moral subjetiva” vem nos despertar a consciência de regras. Já a ética, para este filósofo, está dentro de um conceito de “consciência do dever” e não por mera obediência.

Compreendo Piaget dialoga com Hegel, porque na teoria do “Desenvolvimento Moral na Criança”, a “prática de regras” de Piaget, tem o mesmo sentido da “moral objetiva” de Hegel. Enquanto a “consciência de regras” de Piaget, tem o mesmo sentido da “moral subjetiva” no conceito hegeliano.

Fazendo uma análise da aplicação dos exercícios na oficina de jogos, a partir da teoria do “Desenvolvimento Moral na criança”, percebi que os alunos vivenciavam a “prática de regras”. Em vários momentos coloquei para os alunos que a regra era importante. Mas disse também a eles, que deveriam compreender que para executar uma regra, era necessário ter a consciência do por que daquelas regras, ou seja, ter a “consciência de regra”. Todos deveriam ter a “consciência do dever”, ou seja, fazer algo pela vontade própria e não pela obediência. Por mais que eu viesse alerta-los para a “consciência de regras”, não percebi avanços por parte deles no aspecto da “consciência de regras”; pois eles continuaram praticando de maneira voluntaria a “prática de regras”. Isso demonstra o quanto é necessário trabalhar com eles a autonomia, a liberdade e a busca da consciência do dever, para que eles tornem cidadãos autônomos e não meros executores de regra com o sentimento da obrigação.

Enfim, como menciona Piaget, a criança que se encontra no terceiro estágio, não tem compreensão da regra em seus pormenores (1994, pag.44). Através desta fala de Piaget, tenho a compreensão da limitação dos alunos no entendimento da regra, da moral e da ética. Entendo também a dificuldade em lidar com os aspectos ligados a liderança, a competitividade, a ansiedade, o individualismo, a frustração, a percepção, a colaboração e a coletividade.

Enfim, chegar a uma conclusão sobre a pesquisa, seria algo precipitado. Pois em tão pouco tempo de pesquisa e com um número limitado de alunos, não me arriscaria a chegar em conclusões exatas. Mas também não dá para deixar de pronunciar que os jogos teatrais têm suas contribuições a dar dentro do processo pedagógico e da construção cidadã do indivíduo.

REFERÊNCIA

FAGUNDES, Amílcar Freitas Macedo, **Reflexões Sobre a Moralidade e a Eticidade em Kant e Hegel**, Porto Alegre, Revista do Ministério Público do RS, 2012. Disponível em:

http://www.amprs.org.br/arquivos/revista_artigo/arquivo_1342124595.pdf

Acesso em: 02 novembro 2014.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**, São Paulo, editora Loyola, 2004.

HERRERO, Francisco Javier, **Leituras Filosófica**, São Paulo, editora Loyola, 2006

HUIZINGA Johan, **Homo Ludens**, São Paulo, editora Perspectiva, 2000.

GÜNTER Gebauer, CHRISTOPH Wulf, **Mimese Na Cultura, Agir Social-Rituais e Jogos- Produções Estéticas**, São Paulo, editora Annablume Editora Comunicação, 2004

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz, **Jogos teatrais na escola pública**. São Paulo, Revista da Faculdade de Educação, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200005 Acesso em: 02 novembro 2014.

KOUDELA Ingrid Dormien, **Jogos Teatrais**, São Paulo, editora Perspectiva, 1984.

NICHOLSON, Robert, **A Grécia Antiga**, São Paulo, editora Loyola, 1996.

PIAGET Jean, **“O Juízo Moral na Criança”**, São Paulo, editora Summus, 1994.

PIAGET Jean, **Seis Estudos de Psicologia**, Rio de Janeiro, editora Forense, 1999.

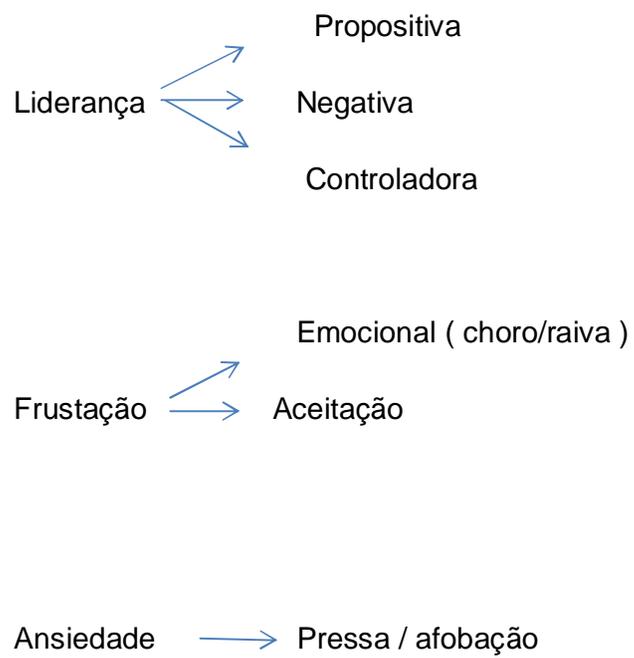
SLADE Peter. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SOUSA, Célia Maria Gil, **Os Judeus no Espaço Alemão e a Procura de Uma Pátria**. Disponível em: http://www.ipv.pt/millennium/Millennium25/25_23.htm Acesso em: 02 novembro 2014.

SPOLIN Viola, **Jogos Teatrais Na sala de Aula – O Livro do Professor**, São Paulo, editora Perspectiva, 2007.

ANEXO A**ESQUEMA DO QUESTIONÁRIO**

Como você vê o desenvolvimento dos alunos nos quesito:



COMPETITIVIDADE X COLABORATIVIDADE

Sandra Paranhos

(Diretora da E.M. Mário Casassanta)

Liderança Propositiva – Os alunos da escola começaram a adquirir certas habilidades de liderança que antes eram sementes fora da terra e agora, além de terem sido plantadas em solo fértil, já começaram a germinar.

Liderança Negativa – Sempre acontece de no grupo se destacarem líderes, tanto nos assuntos “sérios” como na hora das brincadeiras. Liderar para quem não tem consciência da responsabilidade assumida é fácil, por isso aparecem alunos com ideias inadequadas para o momento e acabam influenciando negativamente os colegas.

Liderança Controladora – Apesar das inúmeras estratégias de trabalho com o tema diversidade e igualdade de direitos, ainda vivenciamos dentro da escola a presença da liderança controladora de alguns alunos que impõem suas vontades como soberanas, mas hoje isso acontece numa proporção bem menor.

Frustração/ Emocional (choro/raiva) – No início tínhamos uma pequena parcela de alunos que chorava e se recusava a ficar na escola e executar as atividades, mas com o apoio da sua oficina isso foi cessando, pois fomos criando também estratégias de socialização e de ambientalização com todas as variadas oficinas ofertadas hoje dentro da escola. No tocante ao emocional, temos alguns casos isolados de alunos que se recusam a respeitar os combinados e regras e quando são chamados a tais situações se descontrolam emocionalmente, choram ou usam palavrões para verbalizarem sua frustração, mas a grande maioria dos alunos, por terem construídos os combinados e regras coletivamente, não apresentam dificuldades para lidarem com o sucesso ou fracasso.

Frustração/ Aceitação – Hoje podemos avaliar que o grau de aceitação do projeto e de todas as oficinas ofertadas na escola, é de quase 100% dos alunos e comunidade escolar, e as pequenas exceções são trabalhadas

naturalmente e respeitadas. Nesse sentido nossos alunos estão adquirindo mais liberdade para realizarem suas atividades dentro dos seus limites físicos, cognitivos e religiosos, contribuindo para uma maior aceitação quando ganham um “não” como resposta.

Ansiedade -Pressa / afobação – Isso é realmente um fator que determina, e muito, a qualidade do resultado final a ser alcançado, pois percebemos que a pressa e a afobação, características nítidas de uma pessoa ansiosa, atrapalha o aluno a usar o máximo de seu potencial. É difícil resolver esse conflito sem a parceria da SAÚDE, pois a escola não dispõe de equipe multidisciplinar e a grande maioria dos casos de ansiedade tem sua origem no berço familiar e desagua na escola.

Competitividade x Colaboratividade

O espírito de competitividade é natural no ser humano e não seria diferente com nossos alunos. Acredito até que tem seu lado saudável. Há algum tempo atrás, essa competitividade era muito negativa na escola e gerava conflitos e até agressões verbais, mas a partir do momento que criamos alternativas de aprendizagem onde todos são responsáveis pelos resultados da turma, onde cada alunos teria que ajudar o colega para que sua turma fosse beneficiada, houve um maior envolvimento do grupo em colaborar uns com os outros. Isso foi um grande avanço, principalmente no aspecto da solidariedade.

Márcia Santana

Professora de Educação Física

Liderança Propositiva – Observo que os alunos que estão despertando para o entendimento de que quando assumem os seus trabalhos e que os mesmos são valorizados, tendem a serem mais líderes, co-responsáveis no trabalho proposto, não meros expectadores e sim atores principais.

Liderança Negativa – Vejo um pequeno grupo que exercem essa liderança negativa. Como a escola faz um trabalho em parceria entre direção, professores, monitores e alunos falando uma mesma língua, criando o senso de compromisso /responsabilidade, o grupo citado acima não tende a crescer e sim diminuir.

Liderança Controladora - Percebe – se que alguns alunos oferecem este tipo de liderança para outros alunos e assumem um papel que às vezes nem gostaria de estarem, mas o jeito controlador os obriga a esta situação.

Emocional – Nos momentos de jogos, brincadeiras e algumas atividades esses impasses acontecem, então algumas crianças são sujeitas a enfrentar as suas frustrações, medos e raiva. Esses momentos vão passando e elas vão entendendo que umas vezes se perde e outras se ganha. E a raiva por estarem ligadas também as brigas, então as crianças sabem que quando não respeitam as regras elas terão que assumir as responsabilidades de acordo com as normas a escola.

Aceitação- Quando as crianças percebem que os funcionários da escola lidam com esta situação de maneira igualitária para todos, tendem a ter uma boa aceitação. A escola não vai ceder aos caprichos de alguns alunos, ela é imparcial, justa e humana.

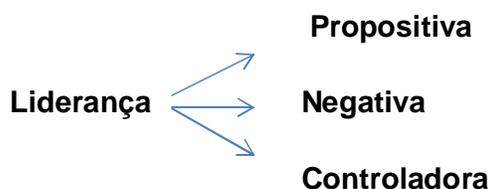
Pressa/ afobação – Quando são passadas as crianças a rotina de determinado trabalho, elas não ficam ansiosas, ela podem até não gostar de uma determinada atividade, embora saibam que deverá fazê-la do mesmo jeito.

Competitividade x Colaboratividade

Sabemos que as crianças e até mesmo nós adultos somos bem competitivos, embora uns mais outros menos. Percebe-se que eles são extremamente competitivos. Eles são bem colaboradores também, no quesito mão de obra (ajudar a fazer algo), mas quando se trata de doar algo para a escola não.

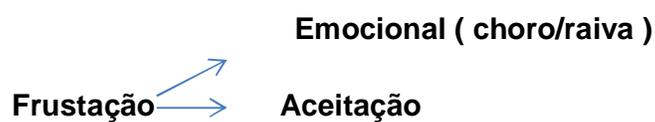
Elisangela Menezes

Professora de Língua Portuguesa



No decorrer do desenvolvimento da oficina que estava sob a responsabilidade do educador Elias, pude constatar que em relação ao quesito liderança, houve um desenvolvimento por parte de alguns alunos, os envolvidos passaram a ter maior senso de responsabilidade. Naturalmente percebe-se indivíduos que se identificam como líderes, a oficina veio aflorar essa liderança, bem como conduzir seus líderes natos tendo em vista que agora eles já demonstram a que "liderar", ou seja, existe ações/atividades nas quais essa liderança pode ser trabalhada e demonstrada. No aspecto da liderança propositiva vejo alunos que antes não se manifestavam e que agora expõem e propõem ações coletivas. Em compensação, há liderança negativa em alguns alunos. Acredito que isso se deve por que esses alunos são imaturos ainda, eles não conseguiram perceber a liderança que existe neles, mas quando perceberem irá focalizar essa liderança negativa, para uma liderança propositiva. O que mais têm é liderança controladora, entendo o quanto esses alunos evoluíram,

mas ainda é necessário trabalhar um pouco mais para que os mesmos aprendam a serem solidários e compartilhadores. Se deixar, um pequeno grupo ou um determinado aluno monopoliza tudo. Ele quer propor, ele quer fazer, ele quer dar o comando e assim por diante. Vejo o quanto é necessário trabalhar os aspectos da coletividade com esses alunos. Enfim, já houve um grande avanço, pois existia aluno que nem manifestava dentro da sala de aula e hoje já conseguem expressarem suas opiniões.



Em relação a frustração, o trabalho realizado com esse alunos veio ajudar à eles superem a angústia pela qual passam. A sensação de impotência, muitas vezes relacionada ao fato de serem crianças, tendo em vista, que são moradores da zona rural, vivendo uma vida familiar conturbada, desprovidos de várias políticas públicas oferecidas na zona urbana. Eles não conseguem discernir o que há de belo dentro da comunidade. O que eles produzem não se encontra nos meios de divulgação e quando é divulgado é recriminado pelo público adulto. A oficina demonstrou diferente, pois o que é produzido pelas comunidades destes alunos, ou seja, o congado tem sido apreciado e aclamado pela zona urbana da cidade. O público no geral tem demonstrado grande aceitação e satisfação, o que tem remetido aos alunos uma satisfação e desenvolvido a autoestima deles e isso tem contribuído dentro do ambiente escolar.

Ansiedade  **Pressa / afobação**

Acredito que a dificuldade maior seja a ansiedade, a pressa e o desejo de fazer bem feito que faz com que os alunos, as vezes, se desencontrem. Percebe-se muito mais, em seus olhares e gestos, o desejo de fazerem o objetivo comum a

todos. A ansiedade é algo que eles têm apreendido a controlar, isso pode ser percebido dentro da sala de aula. Tem uma diferença entre aqueles alunos que fizeram a oficina e os que não fizeram. É nítida a diferença entre esses alunos, mas presencio ainda alguns alunos, que por terem o desenvolvimento mais avançado, se precipitam e não aguardam o colega que ainda não tem o mesmo nível de desenvolvimento. Fato que está sendo constantemente trabalhado e a cada aula fica mais perto de ser solucionado. Ressalto, porém que são alunos e que a cada dia se superam.

Competitividade x Colaboratividade

Ser competitivo e ser colaborativo ao mesmo tempo são algo muito difícil. Dentro da recreação dos alunos, visualizo que os mesmos são muito mais aflorados no campo da competitividade. Acredito que isso ocorra devido ao sistema de sociedade que escolhemos viver e isso afeta todas as áreas. Mas esses alunos têm uma vantagem de se encontrarem afastados do meio urbano, onde a competitividade é mais acirrada. Por isso eles conseguem ser um pouco colaborativo e afetivo com o colega. Interessante como eles gostam de demonstrarem serviço, brigam entre eles, para ser aquele ou aquela que vai fazer um favor para mim ou qualquer outro professor. Isso para eles é muito importante, se prontificam para fazer qualquer coisa. A competitividade entre eles é momentânea e saudável, nada que prejudique o desenvolvimento deles quanto indivíduo e nem o desenvolvimento coletivo.

ANEXO B

PRIMEIRA AULA

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Avaliação

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Será determinado o espaço cênico onde irão trabalhar e realizarei uma atividade de pular corda para o aquecimento dos educandos.

Ocupação de espaço: Irei demarcar um espaço em metros quadrado e os alunos irão caminhar dentro daquele espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para encontrarem o equilíbrio dentro do espaço. Quando eu solicitar que parem, todos terão que parar e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço, mais equilíbrio encontrará.

Zap: Ficarão em círculo e solicitarei que tenham concentração e principalmente trabalhe sempre olhando no olho do companheiro. Depois irei escolher um aluno para passar uma palma (lançada como uma flecha) para o colega da esquerda, e assim, sucessivamente todos irão lançar a palma até chegar no primeiro aluno que passou a palma.

Variação: Dando continuidade no exercício, iremos lançar esta palma para qualquer um que estiver no círculo, mas com segurança de que o companheiro está olhando pra mim e eu olhando pra ele.

Pêndulo: Será feito um círculo e esse servirá com referência de uma bandeja. Cada aluno que está no círculo será uma garrafinha de refrigerante. Irei dividir a turma no meio e depois irei numera-los, de forma que teremos dois alunos com número 1, dois número 2 e sucessivamente, eles ficarão sempre de lados opostos. No centro da bandeja colocarei um objeto ou chinelo, para servir de referência. Quando eu gritar número 1, os dois números 1 terão que dar um salto para dentro da roda ao mesmo tempo, terão que ter o cuidado pra um não ficar próximo ao centro da bandeja e o outro distante de mais. Outra observação que têm que ter, é os dois não poderão ficar do mesmo lado (sempre lados opostos). Todos os números irão participar, podendo até repetir alguns.

OBJETIVO:

Trabalhar a desinibição, concentração e ritmo.

AVALIAÇÃO:

No final da aula será feito um bate papo com os alunos e deixando livre para cada um se manifestar o que achou da aula e da participação da turma.

SEGUNDA AULA

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Avaliação

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Será determinado o espaço cênico onde os educandos irão trabalhar e realizarei uma atividade de aquecimento dos educandos. Eles irão caminhar pelo espaço com foco na ocupação de espaço, depois irei solicitar que eles caminhem só quando eu bater palmas e a quantidade de palmas será a quantidade de passos. Se eu parar de bater palmas eles terão que parar de andar. Se eu bater uma palma, darão um passo e seu eu acelerar as palmas terão que acelerar os passos.

Ocupação de espaço: Irei demarcar um espaço em metros quadrado e os alunos irão caminhar dentro daquele espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para achar o equilíbrio do espaço. Quando eu solicitar que pare, todos terão que para e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço melhor.

Espelho: Irei dividir o grupo em números pares, solicitando que um fique de frente para o outro e solicitarei para eles sempre preocupe em está olhando

nos olhos do companheiro e em momento algum poderá desviar o olhar. Pedirei para escolherem quem é A e quem é B. Decidido entre eles, irei dizer que o A espelho e o B é a “imagem”. B começa fazer os movimentos bem lentamente para que o A consiga acompanhar. Depois com uma criação solta e movimentos suaves, pode variar com cenas do cotidiano. Irei inverter depois, pois o A passa ser imagem e o B passa ser espelho.

Escultura: Irei dividir o grupo em números pares, solicitando que fiquem de frente um para o outro e que eles confiem no companheiro que irá trabalhar. Pedirei para escolherem quem é A e quem é B. Decidido entre eles, irei dizer que o B será a matéria e o A será o escultor. Eles não poderão conversar entre eles, o B tem que deixar o A trabalhar no seu corpo e criar a escultura que deseja. Colocarei para eles da importância que se tem de achar uma posição confortável, para que o colega consiga ficar até o final do exercício. Depois que todos terminarem, irão fazer um passeio pelo museu de esculturas que eles criarão. Depois inverterei, o A passa ser matéria e o B passa ser escultor.

Ninguém com Ninguém: Será demarcado um espaço em metros quadrados, que será o espaço cênico. A turma terá que ser composta por um número ímpar. Para começar um dos alunos fica do lado de fora do espaço cênico, enquanto os demais irão ter que fazer ocupação de espaço, este aluno irá gritar Ninguém com Ninguém e corre para abraçar o primeiro companheiro que estiver na sua frente e todos irão fazer a mesma coisa, terá que sobrar um aluno. Esse aluno que sobrou irá dar três comando (Ex: Testa com testa, barriga com barriga e a mão esquerda na orelha direita do companheiro). Assim que terminar os três pedidos eles gritam Ninguém com Ninguém e corre para abraçar alguém. O exercício vai continuando até todos passarem pelo comando.

Obs: É importante que o educando que estiver no comando, ao gritar “Ninguém Com Ninguém”, ele procurar abraçar um colega que já passou pelo comando. Para sobrar sempre aquele que ainda não passou pelo comando. Mas lembre-se que isso não é uma obrigação.

OBJETIVO

Trabalhar criatividade, concentração, expressão corporal e ritmo,

AVALIAÇÃO

No final da aula irei fazer uma breve leitura da aula, repassando por cada exercício. Depois ficara em aberto para cada aluno se manifestar o que achou da aula.

TERCEIRA AULA

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Avaliação

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Irei separar os educandos em duas fileiras, colocarei um pedaço de papel na mão dos dois primeiros e ficarei no lado oposto a eles. Eles terão que correr e encostar a mão em mim e voltar correndo e passar o papel para o primeiro da fila. Assim que passar o papel eles terão que ir para o final da fila.

Ocupação de espaço: Lembrando os educandos da demarcação do espaço cênicos, eles irão caminhar dentro do espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para achar o equilíbrio do espaço. Quando eu solicitar que parem, todos terão que parar e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço melhor.

Clap: Faremos um círculo e irei solicitar que todos tenham atenção e calma; pois um aluno irá passar uma palma para o colega da sua esquerda e os dois terão que encontrar uma sintonia e um ritmo para conseguirem bater a palma juntos. Para que consiga isso, é necessário olharem no olho um do outro. O colega da esquerda que recebeu a palma irá passar para o outro companheiro que está a sua esquerda e esta palma percorrerá por toda turma até chegar no colega que passou a primeira palma.

Num segundo momento do exercício iremos variá-lo, passando 2, 3 ou a quantidade de palma que eu perceber que os alunos conseguem atingir.

Corrida em câmara lenta: A turma será dividida, uma parte da turma será plateia enquanto a outra faz o exercício. A turma que fará o exercício, todos terão que ficar em fileira atrás de um ponto de referência que eu irei demarcar para eles, tanto começar e irei também marcar o ponto de chegada. Ganhará a corrida quem chegar por último. Os alunos não poderão para no meio do caminho, é uma sequência de movimentos que eles irão fazer, será muito importante eles terem noção de cada movimento que fazemos quando estamos andando ou correndo. Irei marcar para eles o ponto de chegada. Assim que a primeira parte da turma terminar a corrida, ela será plateia e a turma que era plateia irão ser corredores.

Quantos objetos em um só objeto: Todos estarão em círculo e no centro do círculo será colocado um objeto (que não quebre ou estrague facilmente). Os alunos terão que transformar aquele objeto para qualquer outra utilidade, menos no chinelo ou algo parecido. Mas não poderão utilizar da fala para expressar o que deseja transformar o objeto. Terão que usar da expressão

corporal para transmitir para a turma o deseja. Por isso é necessário fazer os movimentos com os mínimos detalhes, para ficar bem claro, que objeto será aquele.

OBJETIVO

Trabalhar a atenção, desenvolver o potencial criativo, concentração, agilidade e desinibição.

AVALIAÇÃO

Irei realizar um bate papo com os alunos, avaliando cada exercício aplicado e a participação de cada educando nos exercícios. Irei avaliar também desempenho coletivo da turma dentro da atividade.

QUARTA AULA

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Irei aplicar a atividade do pique bandeira para o aquecimento dos educandos.

Ocupação de espaço: Lembrando os educandos da demarcação do espaço cênico, eles irão caminhar dentro do espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para achar o equilíbrio do espaço. Quando eu solicitar que parem, todos terão que parar e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço melhor.

Maior e menor espaço: Os alunos distribuirão pelo espaço cênico procurando a melhor distribuição possível. Irei dar um comando para eles, onde terão que em determinado momento ocupar o maior espaço possível com seu corpo e em outro momento terá que ocupar o menor espaço possível. Todas as vezes que eu falar “Maior” ou “Menor”, eles irão mudar de posição evitando o máximo de repetir posição. É sempre importante trabalharem com os três planos o baixo, médio e o alto para conseguirem as variações de posições.

Tato: Iremos dividir a turma ao meio e uma metade da turma fará um círculo e a outra metade da turma irá para o centro do círculo. Quem está no círculo, vai ter todo cuidado de proteger os colegas que estarão no centro. Já os colegas do centro do círculo fecharão os olhos e caminharão devagar. Irei dar um comando para encontrarem um colega e com os olhos fechados. Ao encontrar o colega, irá toca-lo em seu rosto e sentir a textura de sua pele, o formato de seu nariz e boca, textura de seu cabelo e etc. Logo após abrem os olhos e vejam que colega é este.

Depois fechem os olhos novamente e caminhem pelo espaço misturando entre os colegas, mas sempre devagar. Irei solicitar que encontre o companheiro que havia tido o tato com ele. Terão de encontrar de olhos fechados, só através do tato. Depois que todos encontrarem, irão inverter, quem estava no círculo irá para o centro e vice e versa.

Jogo dos pés: Forma um círculo com a turma, será repassado para eles as regras. Cada aluno tem apenas um direito ao ataque e um direito a defesa. Sempre respeitando a sua vez de atacar e na hora que será atacado. Ao atacar

e ao se defender, no local que o pé de ambos alunos tocarem, terão que ficar naquela posição até chegar à sua vez de novo. A roda sempre irá girar no sentido horário e os alunos não poderá pular a vez do outro.

A intenção do aluno que está no círculo será sempre de pisar no pé dos colegas, mas só poderá fazer isso quando chegar a sua vez. Já a do colega em que o outro tentará pisar em seu pé, terá que ter a intenção de se defender e não deixar que o outro pise em seu pé. Outra coisa, quando estiver na vez do aluno ele tem algumas opções, prima e de tentar pisar no pé do colega da sua direita, ou no pé do colega de sua esquerda, terceiro de tentar com um pulo só pisar no pé do colega que está a sua frente e por último não pisar no pé de ninguém (dando um pequeno pulo para trás ou para frente). Cada aluno que permitir que o outro pise em seu pé, ficará de fora até que todos saiam e tenha um vencedor.

Completar imagem: Os alunos serão divididos em duplas e irão espalhar pelo espaço procurando a melhor distribuição possível com esta dupla. Depois será dado um comando para a turma escolherem que é A e quem é B. A partir deste momento não poderá ocorrer nenhuma conversar mais entre os participantes. O aluno A vai criar uma imagem e congelar. O aluno B vai observar o A e tentar completar a imagem que está vendo dentro do entendimento dele, sem dialogar verbalmente com o colega. Ao completar a imagem, o aluno B congela também. Será a vez de novo do aluno A, que terá que completar a imagem do aluno B e assim por diante.

OBS: Não tem nenhuma intenção de montar uma cena ou contar uma história. Mas se quiserem podem trabalhar com história de quadrinhos, onde tem o princípio, o meio e o fim.

OBJETIVO

Estimular o potencial criativo dos alunos, concentração, percepção, confiança.

AValiação

Ao final da aula iremos fazer um círculo e dialogar sobre o exercício e o desenvolvimento da turma. Cada aluno terá a liberdade de expressar o que entendeu e sobre o seu desenvolvimento dentro da aula.

QUINTA AULA

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Avaliação

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Irei aplicar a atividade de pular corda para o aquecimento dos educandos.

Ocupação de espaço: Lembrando os educandos da demarcação do espaço cênicos, eles irão caminhar dentro do espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para achar o equilíbrio do espaço. Quando eu solicitar que parem, todos terão que parar e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço melhor.

João bobo: Irei dividir a turma ao meio e logo em seguida solicitarei a eles que escolham entre uns aos outros, colegas como o mesmo suporte físico ou próximo do dele. Também escolherá quem será o A e quem será o B. O aluno A irá amparar o aluno B, porque o aluno B terá que cair de costas e com o corpo todo reto, sem dobrar o joelho e da bacia. O aluno A terá que ficar atrás do B a uma distância que dê segurança para ele segurar o colega e quando o colega deixar o corpo cair o A terá que segura-lo e volta-lo devagar para o eixo centro. Pois é necessário ter muita atenção e segurança para evitar que o colega venha cair e machucar. Fazendo esta primeira etapa, iremos dar continuidade com a queda para frente. Assim que o aluno B terminar será a vez do aluno A.

Depois irei dividir a turma em grupo de três pessoas e eles escolherão entre eles quem será o A, B e C. O aluno C vai para o centro e o aluno A irá proteger a frente e o aluno B a costas. Sempre que o colega do centro pender para frente ou para trás, os colegas irão volta-lo para o eixo centro devagar. É de extrema importância que não aja nenhuma conversa entre os colegas.

Floresta de Sons: irei dividir a turma ao meio e uma parte da turma ficará tomando conta do colega que está fazendo o exercício evitando que ele venha sair do espaço cênico. Já a outra parte da turma será dividida e eles escolherão quem será A e quem será o B. O aluno A terá que fechar os olhos, o aluno B irá até o ouvido do aluno A e emitira um som, até o aluno A balançar a cabeça com olhos fechado dando sinal de OK. Depois o B irá andar pelo espaço cênico e emitindo o som e o A terá que acompanhar o som sempre de olhos fechados. Depois será a vez do B fechar os olhos e o A emitir som. Depois que esta turma passar por esta experiência será a vez da outra, e assim, invertem os papéis.

Urso lenhador: Irei dividir a turma ao meio e solicitarei que escolham quem será o A e quem será o B. O aluno A será o lenhador e o aluno B será o urso. O lenhador ficará no espaço cênico trabalhando de cortar lenha. O urso ficará escondido em um determinado lugar. Quando eu anunciar “O urso chegou”, o lenhador congela e não poderá mexer e nem rir, já o urso terá o papel de fazer o lenhador rir. Para isso acontecer poderá fazer todos os tipos de medidas, mas não poderá tocar no lenhador. O lenhador que rir, ficará de fora até sair

um ganhador. Depois inverteremos os papeis, lenhador passa ser urso e o urso passa ser lenhador.

OBJETIVO

Desenvolver a percepção auditiva, visual e o tato, potencializar a criatividade e trabalhar o ritmo e a coordenação da turma.

AVALIAÇÃO

Os alunos sentarão em círculo e faremos uma avaliação geral de todas as aulas. Como foi a participação da turma, a minha e de cada aluno. É uma avaliação livre, o aluno não será obrigado a falar, apenas se tiver vontade.

SEXTA AULA

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Avaliação

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Irei aplicar a atividade de chicotinho queimado: Uma criança esconde o chicotinho queimado, geralmente uma correia velha, enquanto as demais tapam os olhos. Depois, as demais vão procurar o chicotinho. Conforme uma criança esteja mais distante, a que escondeu o chicotinho dirá que ela está fria. Conforme mais perto, dirá que está quente. Dirá também que está esquentando ou esfriando conforme a que estiver mais próxima se distancia ou se aproxima do chicotinho queimado. “Estar pelando” é estar muito perto do chicotinho. A criança que achar o chicotinho queimado sairá correndo batendo com ele nas demais. E é ela que irá escondê-lo da próxima vez.

Ocupação de espaço: Lembrando os educandos da demarcação do espaço cênicos, eles irão caminhar dentro do espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para achar o equilíbrio do espaço. Quando eu solicitar que parem, todos terão que parar e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço melhor.

Hipnotismo: Irei dividir a turma ao meio e solicitarei que escolham quem será o A e quem será o B. O aluno A será o hipnotizado e o aluno B será o hipnotizador. O aluno B colocará sua mão direita na altura do nariz do aluno A, o aluno A ficará com o nariz apenas cinco centímetros de distância da mão do B. O aluno B explorará todas as possibilidades possíveis. Fazendo o A ficar nas pontas dos pés, arrastar pelo chão caso seja possível, andar agachado, de costas e outros. O B deverá explorar os três planos, alto, médio e baixo. Depois iremos inverter, sendo A hipnotizador e o B hipnotizado.

Chinelo: Irei dividir a turma ao meio e terei que trabalhar com número par. Irei traçar três riscos no espaço cênico. Um risco no centro do espaço, um risco separado do centro por uma distância de três metros e um risco do outro lado do espaço cênico também com uma distância de três metros. No meio certo do risco do centro ficará um chinelo. Irei numera os alunos, se de um lado eu começar a numera-los da esquerda para direita, do outro lado teria que numera-los da direita para esquerda, para que os números fiquem opostos e na diagonal, só aqueles que estão no centro que não terá jeito. Logo depois irei

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Avaliação

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Irei aplicar a atividade corre cotia: Todos se sentam em roda e tapam os olhos com as mãos. Escolhe-se alguém para começar e essa pessoa vai andar por fora da roda, passando pelas costas dos outros enquanto canta:

"Corre cotia, na casa da tia, corre cipó, na casa da vó, lencinho na mão caiu no chão, moça bonita do meu coração! Pode pegar? Pode! Ninguém vai olhar? Não!"

A criança escolhida corre do lado de fora da roda, tem que canta e já pensando nas costas de quem vai deixar o objeto. Quando a música acaba, a criança que estava do lado de fora deve colocar o objeto atrás de uma das pessoas da roda. Esta pessoa tem que pegar a que estava do lado de fora antes que ela tome seu lugar.

Se o que estava do lado de fora consegue sentar, a que estava sentada fica do lado de fora. Mas, se ela for pega, irá para o meio da roda e terá que pagar um mico.

Ocupação de espaço: Lembrando os educandos da demarcação do espaço cênicos, eles irão caminhar dentro do espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para achar o equilíbrio do espaço. Quando eu solicitar que parem, todos terão que parar e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço melhor.

Caça e caçador: Faremos um círculo e solicitarei duas pessoas voluntárias no centro da roda. Tendo essas duas pessoas, irei separar a caça e o caçador, a caça ficará com os olhos vendados através de um pedaço de pano e no centro do círculo. Já o caçador irá cutucar a caça e sempre fugindo dela, a caça tem que pegar o caçador e não solta-lo até ter a certeza. Por que o caçador poderá camuflar se misturando na roda, enganando a caça. Já os colegas do círculo terá que manter de mãos dadas o tempo todo para não deixar a caça e nem o caçador sair do círculo. Todos os alunos que quiserem passarão pela experiência de caça e caçador.

Marionetes: Os alunos serão divididos em duplas e irão espalhar pelo espaço procurando a melhor distribuição possível com esta dupla. Depois será dado um comando para a turma escolherem quem é A e quem é B. A partir deste momento não poderá ocorrer nenhuma conversa mais entre os participantes. O Aluno A será o marionetista e o aluno B será a marionete. O aluno A tem que saber que uma marionete tem vários fios espalhados pelo corpo. Podem ser na cabeça, pulsos, ou cotovelos, pescoço e outro. O aluno A poderá explorar todas as possibilidades possíveis da marionete, que vai desde um simples movimento de alguma parte do corpo e até locomover pelo espaço e criar diferentes situações para a marionete. Depois invertem, quem era marionete será marionetista e vice e versa.

OBJETIVO

Trabalhar confiança, concentração e criatividade.

AVALIAÇÃO

Faremos um círculo e passarei um breve relato das atividades aplicadas e cada aluno ficara livre para fazer sua observação da aula e da turma.

OITAVA AULA

CONTEÚDO

Alongamento

Aquecimento

Conhecimento de Espaço

Avaliação

Exercícios:

Alongamento: Será feito um alongamento do pescoço, braços, tórax, coluna, bacia, pernas e pés. Mas sempre respeitando os limites de cada educando e solicitar para os mesmo, que eles também trabalhem dentro dessa consciência de limite que cada um tem e nunca esforçar além deste limite.

Aquecimento: Irei aplicar a brincadeira de coelho na toca para o aquecimento dos educandos.

Ocupação de espaço: Lembrando os educandos da demarcação do espaço cênicos, eles irão caminhar dentro do espaço sem trombar um com outro. Eles terão que tentar achar o ritmo uns dos outros, para achar o equilíbrio do espaço. Quando eu solicitar que parem, todos terão que parar e não poderão ficar um grudado no outro. Quanto mais eles conseguirem ocupar o espaço melhor.

Isto é uma rosa: Faremos círculo e pagarei uma caneta. Perguntarei a turma se todos conhecem uma rosa, pedirei atenção a eles que lembrem dos mínimos detalhes que tem uma rosa, pensado no caule, nós espinhos e na sensibilidade da pétalas. Irei pegar a caneta e passar a caneta para o colega da esquerda e dizendo esta frase “Isso é uma rosa”. O colega da esquerda irá passar essa rosa pra frente dizendo esta frase e está rosa terá que chegar em mim novamente. Depois sairei da roda e tirarei a caneta e pedirei para um aluno pegar a rosa (imaginaria) que está em sua frente e no chão. Ele terá que pensar no caule que irá pegar, na leveza por causa dos espinhos e na sensibilidade das pétalas no momento que retira-la do chão e ao repassar essa rosa para o colega da direita dizendo a frase “Isso é uma rosa” e essa rosa ira rodar até chegar nele novamente. A partir daí podemos colocar emoção (triste, alegria, rancor e outros)

Completar imagem: Os alunos serão divididos em duplas e irão espalhar pelo espaço procurando a melhor distribuição possível com esta dupla. Depois será dado um comando para a turma escolherem que é A e quem é B. A partir deste momento não poderá ocorrer nenhuma conversar mais entre os participantes. O aluno A vai criar uma imagem e congelar. O aluno B vai observar o A e tentar completar a imagem que está vendo dentro do entendimento dele, sem dialogar verbalmente com o colega. Ao completar a imagem, o aluno B congela também. Será a vez de novo do aluno A, que terá que completar a imagem do aluno B e assim por diante

OBS: Não tem nenhuma intenção de montar um cena ou contar uma história. Mas se quiserem podem trabalhar com história de quadrinhos, onde tem o princípio, o meio e o fim.

Máquina de ritmo: Primeiro irei explicar o que é uma máquina e como funciona uma máquina. Depois que todos compreenderem o que é uma máquina, irei dizer para eles que partir daquele momento todos serão engrenagem de uma máquina e que eles como engrenagem terão que encaixar uns aos outros para formar a máquina e está máquina funciona, emite som. Pedirei para todos andarem pelo espaço cênico e quando eu gritar “Maquina da cidade” eles irão abrir a roda e de imediato um vai centro e faz um movimento e

um som que terá que ser reproduzido até finalizar a máquina da cidade. Depois os outros que estão na roda, irão encaixar no movimento central, com ritmo, com som e movimento. Todos terão que criar um som, um movimento e um ritmo para encaixar na máquina da cidade. Poderei pedir que a máquina trabalhe devagar, normal ou acelerado até chegar a explosão. Há vários tipos de máquinas que poderá ser solicitado. (Ex. Máquina da Tristeza, Máquina do Amor e outros).

OBJETIVO

Trabalhar coletividade, criatividade, atenção, paciência e percepção

AVALIAÇÃO

Faremos um círculo e os alunos falarão sobre o que achou das aulas e da participação da turma e eu farei um breve relato no geral.